



“ERA SEU SOLENE TESTAMENTO QUE TINHA MANDADO ESCREVER”: PRÁTICAS TESTAMENTÁRIAS E MORTUÁRIAS NA CAPITANIA DO RIO GRANDE (1767-1799)

Leanne Oliveira de Araújo

Mestranda no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal da
Fronteira Sul (UFFS) e bolsista da CAPES
leanne@estudante.uffs.edu.br

Jaisson Teixeira Lino

Professor do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal da
Fronteira Sul (UFFS)
lino@uffs.edu.br

1. Introdução

Sabemos que a morte ela não marca hora
Aqueles que quiserem falar depois da vida
Terá que escrever antes, fiz isto e canto agora
E como eu queria falar depois da morte
Então estou falando que eu já sou outrora
Dizendo adeus amigos meus fãs meus familiares (Teixeirinha, 1984)

Na canção “A Morte Não Marca Hora” cantada e composta por Teixeira em 1984, ele declama em forma de canção os seus últimos desejos, começa com a verdade universal que todo indivíduo se depara: a inevitável da chegada da morte em um momento que não se sabe qual é, mas que chegará. Continua seu canto dizendo que para falar depois da morte é necessário escrever antes e, que está fazendo isso através da canção, finaliza essa estrofe dizendo adeus aos entes queridos e fãs.

Assim como Teixeira, embora não por meio de canções, os colonos do Rio Grande também preocupavam-se com a morte, embora tivessem outras maneiras de registrar os seus últimos momentos, algo que permaneceu hodiernamente é que para falar depois da vida, conforme Teixeira, terá de escrever antes. Foi assim que os colonos no século XVIII conseguiram registrar seus desejos *post mortem*, deixando testamentos escritos, que sobreviveram às intempéries do tempo (Flexor, 2005) e puderam possibilitar este estudo sobre esses indivíduos temerosos da morte. Assim, esta pesquisa tem por objetivo central analisar as práticas fúnebres e testamentárias presentes nos testamentos dos colonos do Rio Grande na segunda metade do século XVIII, de modo a demonstrar uma dupla preocupação na elaboração dos testamentos.



Assim, a problemática da pesquisa se ampara na dupla preocupação, que configura-se da seguinte forma: a preocupação terrena, em organizar as possesões, os testamenteiros, as dívidas, a repartição da herança, bem como, também existia a preocupação mortuária, envolta pela religiosidade predominante, a da cristandade, chegada e implantada pelos colonizadores. Dessa conjuntura, salientam-se dois aspectos: o primeiro é que esses sujeitos se preocupavam em demonstrar nos testamentos suas virtudes e comprovarem que foram bons cristãos para receberem a glória após a morte, ou ao menos, o abrandamento de sua passagem pelo purgatório. O segundo, diz respeito a organização da materialidade após a partida e coexistência entre a vida e a morte nos espaços religiosos mencionados nos testamentos.

Assim, justifica-se esta pesquisa a partir de uma lacuna no conhecimento histórico sobre uma História da Morte na Capitania do Rio Grande, existem muitas produções desse recorte sobre outras capitanias, entretanto, sistematicamente ainda não há uma produção que trate desse conjunto documental como um todo.¹ Ademais, compreender a construção dessa mentalidade dentro dos testamentos não somente endossa o conhecimento histórico mas também nos ajuda a compreender como esses sujeitos davam significado às formas de viver e morrer, uma vez que os mortos estão a todo momento entre os vivos (Ariès, 2012). Estudar a morte e as práticas envoltas nesse âmbito em outra temporalidade corroboram para pensar nessas dinâmicas hoje, uma vez que, constroem-se narrativas do passado com base no presente (Bloch, 2002). Especialmente quando a história do tempo presente traz cenários como o da pandemia de Covid-19, onde a despedida aos mortos e um enterro digno foi um direito negado a muitos. Pensar, analisar e compreender a morte é conhecer a vida.

Apesar de se constituir por apontamentos iniciais de uma pesquisa em curso, com base em fontes escritas e materiais, têm sido elaborada uma análise dos testamentos presentes no livro "Últimas Vontades", do autor Thiago Torres, que reúne 31 testamentos dos habitantes da Freguesia de Natal e circunvizinhanças, no século XVIII (Torres, 2022). Como objetivos específicos, têm-se: compreender as mentalidades sobre as práticas fúnebres e testamentárias; analisar as particularidades

¹ Embora não exista uma produção que abarque todos os testamentos, o autor do livro-base utilizado neste trabalho, intitulado: *Últimas vontades: indivíduos e testamentos da capitania do rio grande do norte segunda metade do séc. xviii*, do professor Thiago Torres, já elaborou algumas análises específicas sobre alguns testamentos dentro do próprio livro citado e em outras produções acadêmicas.



dos indivíduos que deixaram seus testamentos, como: gênero, cor, classe, ofício, possessões, posição social, vinculação religiosa, etc. E compreender a partir dos vestígios escritos e materiais - especialmente as igrejas - como se dava essa coexistência entre a vida e a morte.

2. Metodologia

Fundamenta-se essa pesquisa em um quadro de procedimentos que se situam desde a análise das fontes, a leitura das produções dos teóricos sobre as esferas de pesquisa e a prática da escrita, articulados por um lugar social do sujeito-pesquisador (CERTEAU, 2007). Dessa forma, o referencial metodológico escolhido visa acumprir os objetivos delimitados em um tempo hábil para a pesquisa, para tanto, optou-se por estabelecer etapas, a primeira corresponde à análise qualitativa e quantitativa do *corpus* documental, com atenção aos procedimentos corretos para cada tipo de fonte, sendo: os 31 testamentos do livro *Últimas Vontades*, como fonte principal, visando-se compreender determinadas práticas fúnebres e testamentárias foram empregadas e como, na mentalidade, esses ritos eram representados.

Em seguida, como fontes secundárias, têm-se: as três Ordenações Portuguesas, Afonsinas (1446); Manuelinas (1512) e Filipinas (1603) prospectando entender quais os procedimentos jurídicos, civis e mesmo religiosos que existiam no reino e regiam as produções em colônia; em seguida, outra fonte utilizada será um manual de bem morrer, intitulado *O Breve aparelho e modo fácil para ensinar a bem morrer* do padre jesuíta Estevão de Castro, buscando compreender como se determinava o bem morrer, os procedimentos necessários para o cônego e o testador. E por último, ao utilizar os métodos da paisagem cultural (Ribeiro, 2007) analisar as igrejas mencionadas nos testamentos para elaborar uma paisagem de coexistência entre a vida e a morte, salientando como o espaço e materialidade estavam não somente ligados a vivência religiosa dessas pessoas como também de sua morte.

Dessarte, após a análise dessas fontes e a organização das mesmas elas estão sendo cruzadas com a bibliografia, angariada no estado da arte sobre as temáticas correspondentes, elaborada antes do ingresso no programa de pós-graduação, de modo a relacionar e buscar entender como nesse período, através desses vestígios escritos e



materiais esses sujeitos da Natal colonial interpretavam a morte e os testamentos.

3. Resultados e discussão

Inicialmente, como este é um estudo em andamento, ainda carece da continuidade da pesquisa para fornecer informações mais completas e definitivas sobre a problemática, entretanto, algumas considerações podem ser feitas nessa altura do desenvolvimento da pesquisa. A primeira e que responde parcialmente a pergunta central é a real existência da preocupação em organizar a vida terrena e celestial dos colonos da Freguesia de Natal, seguido a marcha da hipótese inicial, entretanto, ainda é preciso investigar se essa preocupação ela era igualitária ou se o espiritual se sobressaía ao mundano.

Outra tendência perceptível é a transição observada por Ariès em que a morte deixa de ser encarada como natural, ou “domada” e passa a ser temida (Ariès, 2012), especialmente quando as preocupações se deslocam do corpo e da materialidade para as mentalidades e a preocupação crescente com a alma, por essa razão as missas e sinais ocupam o espaço da preparação e dos ritos elaborados, característicos de interpretações mais antigas sobre a morte, como no medievo.

Ainda, torna-se válido salientar que mesmo os ritos fúnebres tendo migrado em grande parte para o simbólico e suas representações, ainda há marcadamente a conservação de tendências mais antigas como o enterramento em igrejas, que sublinham aspectos como a proximidade com o sagrado, o prestígio social a depender do local dentro da nave da igreja em que os mortos eram sepultados e também a memória viva daquele indivíduo no seio da sociabilidade religiosa, estar lá era não ser esquecido. Dessa forma, havia uma mescla dessa transição observada por Ariès, porém, conservando a especificidade da colônia portuguesa e dessa nova configuração de se entender e lidar com a morte.

4. Considerações finais

Diante do exposto, fica evidente a vasta riqueza documental dos testamentos, os quais oferecem uma miríade de perspectivas analíticas, tanto da morte como da vida. Especificando mentalidades, interpretações, medos, memórias e esperanças desses



indivíduos que prospectam uma boa morte, uma passagem branda pelo purgatório e o galardão celestial. Propõe-se, assim, uma contribuição substancial para os campos da História da Capitania do Rio Grande e da História da Morte.

Ressalta-se que embora se trate de uma pesquisa em andamento, há possibilidades ainda mais frutíferas com base nas documentações, como um estudo da precificação do período, o mapeamento dos espaços da Natal colonial e a compreensão das redes familiares nesta freguesia. Estudos para esta, ou outros historiadores debruçarem-se, uma vez que, a cada olhar para o passado por meio dos vestígios, ele nos oportuniza, se bem atentos e como o ogro de Bloch, encontrar outros indivíduos e interpretações históricas.

Referências

ARIÈS, Philippe. **História da morte no Ocidente**: da Idade Média aos nossos tempos. Trad. Priscila Viana de Siqueira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

_____. **O homem diante da morte**. Sintra: Publicações Europa-América, 2000.

BLOCH, Marc. **Apologia da história**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

FLEXOR, Maria Helena Ochi. Inventários e testamentos como fontes de pesquisa. **Revista Histedbr**. Campinas, 2005.

RIBEIRO, Rafael Winter. **Paisagem cultural e patrimônio**. Rio de Janeiro: IPHAN/COPEDOC, 2007.

TEIXEIRINHA. A Morte Não Marca Hora. **Popularidade**. [S.l.], Warner Music Brasil Ltda., 1984, faixa 2.

TORRES, Thiago. **Últimas vontades**: indivíduos e testamentos da capitania do rio grande do norte segunda metade do séc. xviii. Parnamirim: Editora Biblioteca Ocidente, 2022.

Agradecimentos

Agradeço pelo financiamento e apoio na elaboração do presente trabalho e da pesquisa como um todo a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES). Estendo meus agradecimentos, igualmente, ao meu orientador, Prof. Dr. Jaisson Teixeira Lino, que tem desempenhando um papel fundamental no percurso da minha pesquisa.